

COM-POR Pessoas Negras: Tecnologia Social-Ancestral

COM-POR Black People: Social-Ancestral Technology

Loíse Lorena do Nascimento Santos¹ , Hebert Silva dos Santos¹ , Letícia Lapa¹ ,
Andriellen Vitória Borges Martins¹ , Alexandra Cleopatre Tsallis¹ 

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo compartilhar sobre o grupo de atendimento terapêutico COM-POR UERJ Pessoas Negras como uma Tecnologia Social e Ancestral. Este grupo existe desde 2019 e foi produzido no Laboratório afeTAR na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seu compromisso é prestar cuidado psicoterápico para pessoas negras, entendendo que o racismo disseminado na sociedade brasileira exerce um efeito adoecedor e, consequentemente, danoso para a saúde mental da população negra. Além disso, o COM-POR UERJ pode ser articulado dentro do conceito de economia criativa, uma vez que utiliza o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual de indivíduos para gerar soluções inovadoras e sustentáveis. Assim, desde a sua elaboração, o dispositivo é entendido como uma Tecnologia Social, pois como um dispositivo que pode ser replicado, apresenta-se como uma das possíveis soluções para uma demanda social. Contudo, à medida que avançamos em sua consolidação, nos damos conta de que mais do que uma Tecnologia Social, ele é, e sempre foi, uma Tecnologia Ancestral, sendo um instrumento de resgate da valorização dos modos de ser e estar no mundo como pessoa negra, e regeneração do tecido social esgarçado diante de tanta desigualdade.

Palavras-chave: Saúde mental da população negra. Tecnologia social. Ancestralidade. Racismo. Tecnologia ancestral.

ABSTRACT

This study aims to share about the therapeutic group COM-POR UERJ Black People as a Social and Ancestral Technology. This group was created in 2019 and was developed at the afeTAR Laboratory at the State University of Rio de Janeiro. Its commitment is to provide psychotherapeutic care for Black people, understanding that the racism widespread in Brazilian society has a harmful and unhealthy effect on the mental health of the Black population. Furthermore, COM-POR UERJ can be framed within the concept of creative economy, as it leverages the knowledge, creativity, and intellectual capital of individuals to generate innovative and sustainable solutions. Thus, since its inception, the initiative has been understood as a Social Technology, as it is a model that can be replicated, offering one of the potential solutions to a social demand. However, as we advance in its consolidation, we realize that more than a Social Technology, it is and has always been an Ancestral Technology, serving as a tool for the recovery of the value of ways of being and existing in the world as Black people, and for the regeneration of the social fabric torn by such inequality.

Keywords: Mental health of black population. Social technology. Ancestry. Racism. Ancestral technology.

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mails: loise.lorena@gmail.com; heberthss@gmail.com; lelelapa1997@gmail.com; andriellenborges@gmail.com; atsallis@gmail.com

Recebido em: 14/08/2024. Aceito em: 18/12/2024

INTRODUÇÃO

O COM-POR UERJ Pessoas Negras nasceu em 2019 com o objetivo de oferecer um serviço de atendimento psicológico entre pessoas negras. Esse serviço, para além de ser uma forma de Tecnologia Social-Ancestral, pode ser compreendido dentro da economia criativa, uma vez que transforma o capital intelectual em uma ferramenta de suporte e empoderamento da comunidade negra. Entendendo que a partir do histórico da colonização do Brasil e do fim da escravização — mas não da lógica escravocrata — pessoas negras sofrem racismo em todos os espaços, inclusive naqueles que se pretendem terapêuticos. Logo, o COM-POR UERJ é um espaço de escuta, trocas, acolhimento e cuidado para pessoas negras, entre pessoas negras. Esse dispositivo foi concebido como uma Tecnologia Social que busca minimizar os danos causados pelo racismo na saúde mental da população negra. Estar em grupo, juntos, criando estratégias para superar as dificuldades não é um movimento novo para as pessoas pretas; sendo assim, compreendemos que esse dispositivo não é apenas uma Tecnologia Social, mas também Ancestral.

Trabalhamos com a abordagem interseccional (Collins; Bilge, 2021) que revela as especificidades das opressões e contribui para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de combate às desigualdades sociais. Patricia Hill Collins é uma mulher preta e Sirma Bilge é uma mulher branca. Com o objetivo de dar corpo a nossa escrita, utilizamos o método de referenciar os autores trabalhados usando o primeiro nome e o sobrenome, explicitando também o gênero e/ou raça (quando possível), a fim de situarmos com quem estamos articulando nossa escrita. Essa metodologia tem uma política de nomes, entendendo que “Quando os nomes deixam transbordar esta capacidade que o outro enquanto sujeito tem de compor um mundo conosco, os participantes compõem a pesquisa não pela condição de qualquer um, mas por suas intensidades e é a partir delas que podemos produzir interesse.” (Tsallis *et al.*, 2020). Entendemos que todos os que contribuem para essa produção científica são participantes e estão com-pondo este trabalho conosco.

Wade Nobles (2009), homem negro e teórico no campo da Psicologia Africana, usa a metáfora do descarrilamento para explicar a situação psicológica das pessoas negras. Um trem quando descarrila, continua andando, porém fora da linha. Algo está muito errado, mas continua andando sem ajuste. Nós, negras e negros em diáspora, percorremos tantos caminhos fora da linha que é difícil perceber onde se está e por onde seguir. Diáspora diz respeito ao deslocamento de massas populacionais forçado ou incentivado. Ao usar este termo nos referimos à imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. As demandas de sobreviver em detrimento de tudo o que nos foi tirado — e ainda nos é negado — não nos permite ferramentas para voltar para a linha. O descarrilamento cultural e psíquico é difícil de definir porque continuou-se vivendo apesar disso.

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência

continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa (Nobles, 2009, p. 284).

A lógica usada para justificar a escravização, no Brasil, estava diretamente ligada à descaracterização dessas pessoas como humanas. Elas eram tratadas como animais e mercadorias. O merecimento estava fundamentado na cor da pele, sendo a mais escura menos merecedora. Com isso, as pessoas escravizadas foram tornadas inferiores e, portanto, mereciam estar neste lugar de trabalho escravo. Com a abolição, as pessoas escravizadas deveriam viver na sociedade com iguais direitos. Entretanto, o processo de embranquecimento acontece como uma forma de extermínio da população antes escravizada. Desse modo, os humanos eram as pessoas brancas ou as embranquecidas.

O “embranquecimento” é um ataque psicológico ao senso fundamental dos afro-brasileiros do que significa ser uma pessoa humana. [...] A realidade mais importante para se definir é o significado da própria condição de ser humano, o processo de “embranquecimento” foi e continua sendo uma tentativa de redefinir para os africanos no Brasil o que significa ser uma pessoa humana. Ao fazê-lo, afirma que ser africano era ser menos humano e que por meio do processo de “embranquecimento” os africanos poderiam tornar-se humanos. Com efeito, o “embranquecimento” associa a bondade, o sucesso, a criatividade, o gênio, a beleza e a civilização com a brancura (Nobles, 2009, p. 284).

Iray Carone (2003), mulher e doutora em Filosofia, retrata o quanto o embranquecimento exercido pela hegemonia branca faz com que a pessoa negra vá negando suas características, e até a si mesma, para ser aceita. O impacto do racismo na saúde mental da população negra segue sendo danoso à medida que procuramos auxílio psicológico e o que encontramos é mais preconceito. Marizete Gouveia Damasceno e Valeska Zanella (2019), ambas pesquisadoras, Marizete uma mulher negra e Valeska uma mulher branca, realizaram um estudo com mulheres negras que eram atendidas por psicólogos brancos. As autoras chegaram à conclusão de que uma das questões está diretamente ligada a ausência da temática racial na formação dos profissionais de Psicologia. Isso faz com que os psicólogos universalizem questões sociais colocando-as como “humanas”, como se isso estivesse presente para qualquer pessoa. Nesse estudo, as mulheres participantes dizem então que, diante dessa falta de acolhimento, preferem cuidar de tais assuntos com familiares e amigos com quem elas têm uma identificação racial. Nobles (2009, p. 278), vai dizer que a psicologia

“[...] como instrumento ocidental de compreensão humana prática, tem limitações básicas em sua capacidade” para cuidar de pessoas negras por não ter nítida o que se trata a experiência humana das pessoas negras. É preciso “não apenas compreender o significado e a experiência de ser africano, mas também conhecer a utilidade e a realização da fé, da alegria e da beleza em ser, pertencer e torna-se africano”.

Compreendendo tudo isso, e com o letramento racial aprofundado que tinham as pessoas negras do Laboratório afeTAR, decidimos criar um grupo com e por pessoas negras. Essa configuração não quer dizer que acreditamos que apenas pessoas negras devam atender umas às outras, afinal não são as nossas experiências pessoais que nos habilitam a exercer a psicologia. É importante que cada profissional esteja apto para acolher a qualquer pessoa em sua singularidade e contexto social. É nosso direito que todas as pessoas negras sejam atendidas por profissionais que estejam atentos aos impactos do racismo em sua saúde mental, entendendo o quanto isso é um problema social, e que tenha atenção aos privilégios e às responsabilidades presentes para as pessoas brancas.

No estudo supracitado, realizado por Damasceno e Zanello (2019), uma das mulheres entrevistadas relata ter encontrado limites na psicoterapia realizada com uma psicóloga branca. Entretanto, mesmo ao encontrar uma psicóloga negra, a entrevistada relata ter sentido reservas, pois percebeu que a profissional era “[...] desprovida do conhecimento de sua própria história e subjetividade” (p. 8). Assim, apesar de haver expectativa de ser melhor acolhida por uma pessoa negra em relação às questões raciais, ela não necessariamente é correspondida quando a profissional não tem consciência dos processos vividos (ainda que por ela mesma) coletivamente. Isso reafirma o fato de que não basta ser uma pessoa negra para atender outra, é preciso que haja letramento racial.

O processo de letramento racial entre negros pode ser compreendido por um tornar-se negro. Ao escrever sobre a ascensão da pessoa negra, Neusa Santos (1983), mulher negra, pioneira no Brasil nos estudos da saúde da população negra, menciona que, afastado de seus valores e heranças religiosas, o negro perdeu seu referencial e tomou o branco como a única possibilidade de tornar-se gente. À medida que nos tornamos negros, temos consciência desses processos e nos engajamos em um movimento de autonomia de nossa própria identidade, e isso muda a nossa perspectiva.

Na Psicologia, todos esses atravessamentos passam também pelo uso de teorias euro-estadunidenses que tomam a pessoa branca como universal, e exclui todos os outros modos de ser e estar no mundo. Isso torna a psicoterapia não apenas ineficaz, mas também produtora de mais violência para as pessoas não brancas. A todo esse contexto é adicionada mais uma camada quando atentamos para a difusa falsa democracia racial. Essa falsa ideia de que pessoas brancas e não brancas são tratadas de maneira igualitária socialmente impede que os debates sobre as relações étnico-raciais avancem no Brasil. Dessa forma, o racismo segue acontecendo de maneiras sutis e não sutis, mas sempre tratado na esfera do preconceito de qualquer outra classe, menos a racial.

Devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (Nascimento, 2016, p. 111).

Como estudantes de Psicologia, parte de nós sequer teve professores negros em sua formação de graduação. Como efeito, tivemos, e ainda temos, uma graduação que pouco aborda as questões étnico-raciais e seus desdobramentos no Brasil. São bem poucos os professores que trazem essa temática para suas aulas e mesmo quando algum estudante tenta levantar isso em uma discussão, os professores mencionam que esse não é um fator importante. A falta de acolhimento das nossas questões cria lacunas na nossa formação que vão sendo preenchidas quando encontramos outra pessoa negra. Assim, vamos criando nós mesmos os espaços para debater sobre isso, com autores e autoras que já falam disso, mas que não aparecem nas grades das disciplinas oferecidas na graduação. Aqui podemos citar Neusa Santos e Maria Aparecida Silva Bento, por exemplo, ambas mulheres negras, brasileiras e que produziram importantes obras para os estudos das relações étnico-raciais.

A criação desses espaços, a inventividade representa uma característica indispensável para pessoas negras. O fato de sermos um coletivo negro ocupando as universidades é a concretude das estratégias formuladas por nossos ancestrais para sobreviverem e para garantirem a sobrevivência de nós, que estamos hoje no mundo. O poder criativo, ao longo do tempo, garantiu a nossa existência em um mundo pautado no bem-estar da hegemonia branca. Essa inventividade se vincula com as premissas da economia criativa porque não tem a ver apenas com a sobrevivência negra, mas com a criação de um mundo plural no qual todos possam caber e existir. Tratar da saúde mental da população negra é resgatar sua humanidade que foi destruída com a retirada da nossa história, símbolos, danças, línguas. Isso gera um impacto não apenas na saúde mental da população negra, mas em diversas outras áreas da sociedade à medida que podemos habitá-las como coprodutores e não serviçais. De acordo com Luiz Alberto Machado, homem branco:

O grande diferencial da economia criativa é que ela promove desenvolvimento sustentável e humano e não mero crescimento econômico. Quando trabalhamos com criatividade e cultura, atuamos simultaneamente em quatro dimensões: econômica (em geral, a única percebida), social, simbólica e ambiental (Machado, 2012, p. 94).

Um desses espaços, para nós que escrevemos, foi o Coletivo Negro de Psicologia Neusa Santos. Ele configurava espaços em que era possível falar da importância de um letramento racial na prática da Psicologia. Esse estar junto vai criando uma pele coletiva (Santos *et al.*, 2022), que minimamente nos protege de todas essas violências. Esse quilombo é fundamentalmente importante para a nossa permanência no espaço acadêmico. Por não querer abrir mão disso, então, aos poucos vamos preferindo andar juntos não apenas nos intervalos, mas na escolha das disciplinas e até mesmo nos estágios. Conversamos entre nós quais são os espaços possíveis para a nossa habitação e então vamos deixando rastros e seguindo os deixados por nossos pares. Dessa forma, nos tornamos maioria em espaços bem específicos, e foi assim que nos demos conta de sermos o maior número no estágio do Laboratório afeTAR.

O COM-POR UERJ, como um serviço estabelecido na Psicologia como Ciência e Profissão, tem relação com a construção de tecnologias (processos e serviços) criadas

que vão de encontro a uma questão social e coletiva, aqui o racismo e a saúde mental da população negra. Assim como também tem seu impacto relacionado à economia criativa, pois ainda que, neste caso, o serviço esteja vinculado à universidade e, portanto, com acesso gratuito, isso retorna para a sociedade com a possibilidade de essa população em comento estar no mundo de outra maneira, construindo e consumindo a partir de um fortalecimento coletivo construído junto a seus pares. Para além da venda ou da geração de um capital direto, o impacto econômico vinculado à economia criativa acontece quando são criadas outras formas de pessoas negras serem e estarem no mundo, a partir do resgate da sua humanidade junto às filosofias e aos símbolos africanos, por exemplo.

Economia criativa é o conjunto de atividades econômicas que dependem do conteúdo simbólico – nele incluído a criatividade como fator mais expressivo para a produção de bens e serviços, guardando estreita relação com aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com a tecnologia e propriedade intelectual (Ipea, 2013, p. 5).

COM-POR UERJ PESSOAS NEGRAS

O COM-POR UERJ é um Dispositivo de Regeneração Social (DRS), desenvolvido pela Unidade de Desenvolvimento Tecnológico Laboratório afeTAR, do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este trabalho é supervisionado por Alexandra Tsallis, mulher branca, do instituto supracitado e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. A ideia da criação do grupo surgiu em uma supervisão de estágio em que estávamos pensando os possíveis campos de atuação para seguir com as nossas atividades. Enquanto refletíamos e conversávamos, Alexandra Tsallis sugeriu que pelo quantitativo de pessoas negras naquele espaço, seria possível criarmos um grupo entre pessoas negras. Diante da proposta pudemos nos dar conta de que de fato éramos maioria negra naquele espaço, e que era possível construir um trabalho que cuidasse tanto da nossa população em geral quanto da nossa formação.

Os encontros desse dispositivo aconteciam uma vez por semana no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UERJ, com a duração de 2 horas de encontro. Eles aconteciam em uma sala com as cadeiras dispostas no formato de roda. Cuidávamos sempre para que não ficasse a equipe de um lado e os participantes do outro, então aguardávamos já posicionados de maneira intercalada nos assentos. O grupo acontecia no período noturno. Esse horário foi escolhido e acordado entre a equipe e a nossa supervisora a partir da compreensão de que o período da noite seria mais favorável para as pessoas negras que trabalhavam e que levariam tempo para se deslocar até a universidade que está localizada no bairro Maracanã, na zona norte do Rio de Janeiro. Atualmente, utilizamos essa mesma estrutura para organizar o grupo, com exceção da duração do encontro, que passou a ser de 1 hora e 30 minutos.

A equipe de atendimento se reúne 15 minutos antes para a pré-sessão, na qual nos cuidamos trocando sobre como estamos chegando e como estamos para atender; também ficamos 15 minutos para a pós-sessão, após o encerramento com

os participantes, para falarmos das reverberações do encontro, como foi para cada um, os embaraços, os desafios, como estamos saindo e organizamos os pontos para levar para a supervisão.

A equipe de atendimento contava com cinco estudantes, que se autodeclararam negros, que estavam cursando a graduação, estagiando no Laboratório afeTAR. Em 2020, uma componente se formou, e então o grupo passou a contar com uma psicóloga — estudante da pós-graduação no mesmo instituto — e quatro estagiários. Os componentes da equipe foram mudando à medida que os estudantes entram e saem do estágio, entretanto permaneceu a configuração de uma psicóloga estudante da pós e os estagiários.

O grupo recebe até 12 participantes, que realizam a inscrição por meio do Google forms. As informações são divulgadas nas redes sociais do Laboratório afeTAR por meio de um *folder* virtual contendo as informações do público-alvo, limite de vagas, endereço, dia, horário e duração dos encontros. Informamos o registro do Conselho Regional de Psicologia de Alexandra Tsallis, por se tratar da divulgação de um serviço de atendimento psicológico. Vinculado à universidade, ele também estava atrelado à pesquisa, a metodologia afeTAR (Tsallis *et al.*, 2022). Nesse modo de produzir ciência, não buscamos uma neutralidade em campo, tampouco reforçamos a dicotomia pesquisador-objeto. Compreendemos, inspirados pela Teoria Ator-Rede, que o campo é uma rede de relações composta de agentes humanos e não humanos que agem e interferem uns nos outros.

Ocorre que ninguém domina, ninguém age, simplesmente. Vivemos em um sistema de relações. Na teoria ator-rede trata-se de descrever a rede de relações, de avaliar as redes, observar o que elas fazem fazer e como aprendemos a ser afetados por elas (Tsallis *et al.*, 2006, p. 60).

Assim, também, como de acordo com Marcia Moraes (2010) e Marília Silveira, Marcia Moraes e Laura Cristina de Toledo Quadros (2022), mulher branca, ao postular o PesquisarCOM em seus estudos com pessoas com deficiência visual, nosso objetivo não é apagar essas pessoas desse serviço ou dessa produção como meras participantes para que a universidade vá adiante em seu projeto de produzir ciência. “Não se trata de tomar o outro como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções do pesquisador” (2010, p. 29). Nós não fazemos pesquisas sobre essas pessoas, nós fazemos COM essas pessoas.

Interpelar o outro não como sujeito dócil, como um sujeito qualquer, mas antes, como um expert, como alguém que pode conosco formular as questões que interessam no campo da deficiência visual. Criar dispositivos de intervenção que ativem os outros, que nos engaje a todos num processo de transformação. Engajar-se na política ontológica é também tomar uma posição epistemológica, porque se trata de afirmar um conhecer situado, performativo, não neutro (Moraes, 2010, p. 42).

Para nós era importante que o fato de o serviço ser oferecido por pessoas negras aparecesse no nome. Assim, juntamos o “COM” e o “POR”. Mas, “compor” é uma palavra que já existe. Seu significado, inclusive, tem muita relação com o

trabalho que desenvolvemos, mas ainda precisávamos expressar nesse nome essa diferença (entre participantes e equipe) que une, essa via de mão dupla que compõe esse grupo em unidade. E então, nossa supervisora, em um dos nossos encontros, sugere o hífen, não como uma divisão, mas como uma conexão que representa nossa aposta de construção no entre, no que acontece entre COM e POR. E que, ao mesmo tempo, compõe, constrói junto. Precisamos compreender que a composição desse trabalho também se dá por estarmos na primeira universidade que implementou as ações afirmativas, sendo esse aquilombamento resultado dessa importante política pública. O dispositivo em comento compõe a produção de conhecimento na universidade em bases que considerem a raça como um dispositivo capaz de engendrar tecnologias ancestrais.

A convocação para o grupo é feita explicitamente pela questão racial, convocamos pessoas negras para serem atendidas por pessoas negras. Entretanto, não se trata de um grupo temático, os assuntos abordados são livres. Algumas vezes são trazidos pelos participantes, em outros momentos pela equipe de atendimento, ou mesmo a recordação de algum assunto tratado no encontro anterior buscando sempre o que faz sentido para o grupo naquele momento. Estarmos entre pessoas negras tem a ver com o fato de que compreendemos que o racismo atravessa a vida das pessoas negras em qualquer aspecto, sendo preciso um cuidado atento sobre isso ao atender essa população. Eventualmente, ele pode ser o tema, mas ainda que ele não o seja, a vida das pessoas está atravessada por ele. Cuidamos desse espaço com nossos corpos e saberes para não minimizar ou universalizar nossas dores e sofrimentos, reproduzindo o racismo.

Em cada encontro, um membro da equipe de atendimento fica responsável pelo diário de campo. Enquanto o atendimento está acontecendo, essa pessoa, junto à roda, fica mais quietinha, com um caderno, fazendo registros do que está acontecendo. Os diários de campo são uma ferramenta metodológica do nosso modo de fazer pesquisa. Ele não tem relação com algo íntimo ou secreto, mas é o registro do campo. A expectativa não é transcrever todas as falas, mas poder registrar o clima, movimentos, sensações percebidas, o que está em agência e que também pode ser ou estar em falas ou palavras específicas.

Todas as experiências de campo são registradas em diários de campo. Num primeiro momento — o que chamamos de primeira camada de texto — ficam registrados os efeitos do campo: o que nos move, o que nos angustia, o que nos prende, o que nos separa e o que nos conecta. Esse registro do que nos acontece é o que nos permite rever a experiência, para depois fazê-la fluir. São anotações nossas, para nós mesmos, capazes de nos fazer lembrar o que vivenciamos (Tsallis *et al.*, 2022, p. 253, tradução nossa).

A partir do COM-POR UERJ Pessoas Negras, foi produzido o presente artigo, dois capítulos de livros (Santos *et al.*, 2022; Santos *et al.*, 2024), um trabalho de conclusão de curso (Fonseca, 2021), duas dissertações de mestrado (Santos, 2022; Fonseca, 2024), e, atualmente, contamos com duas teses de doutoramento em andamento. Reafirmando nosso compromisso com a formação de estudantes politicamente

engajados nas questões raciais, já passaram pela equipe do Laboratório afeTAR, 14 estudantes de graduação, alguns dos quais prosseguiram para o mestrado e o doutorado. Desde sua criação, esse dispositivo já atendeu 60 pessoas.

Esse dispositivo tem sido um importante espaço de cuidado para pessoas negras, que como efeito tem o fortalecimento dessa população em seus processos de autoconhecimento, de construção de autoamor e enfrentamento dos danos nocivos do racismo. Essa conclusão é partilhada pelos próprios participantes quando encerramos uma edição do grupo e então abrimos oportunidade para que eles digam como foi participar e como estão saindo. Segue um desses momentos registrados em um diário de campo:

Odara diz que está muito grata, que o grupo foi fundamental para ela como mulher preta porque é difícil para ela se aceitar. E que foi fundamental para ela se entender e entender a vida da mulher negra, das pessoas negras. Ela quer continuar esse processo de descoberta que começou aqui. O quanto aprendeu com o outro, foi muito importante e vai sentir falta de todos. Dandara disse que sempre pensa que está com-pondo a vida. As nossas perguntas sobre como está se sentindo virou um exercício para a vida. Em tudo da vida para e pensa "como estou sentindo isso? Uau, antes eu sentia assim e agora estou sentindo de outra forma.". Jurou para nós e para si mesma que vai continuar tentando com-por sem a gente e vai levar essas histórias para a vida. Diz que todo jovem preto ou pessoa mais velha deveria poder aprender a com-por sua própria história, sua própria vida. Desejou muito axé, muita prosperidade para nosso encontro (Santos, trecho do diário de campo, 2022).

TECNOLOGIA SOCIAL E ANCESTRAL?

O COM-POR UERJ Pessoas Negras atua como um regenerador social. O conceito de regeneração foi trabalhado primeiramente no campo das ciências biológicas, estando relacionado à capacidade do corpo humano de se recompor após sofrer algum tipo de lesão, sendo uma característica indispensável para a manutenção da funcionalidade do corpo. Além disso, ao se aliar ao conceito de economia criativa, o dispositivo também se apresenta como um modelo de negócio inovador, que utiliza o capital intelectual e a criatividade para gerar impacto social positivo na saúde mental da população negra. O Laboratório afeTAR utiliza esse conceito sem que ele perca a representação que tem, mas o articula com uma dimensão social, entendendo a regeneração como capacidade dos organismos vivos de se renovarem frente aos desafios.

Regenerar é formar-se de novo e revivificar; essa capacidade é fundamental para pessoas negras afro-diaspóricas. Tal ideia em nada se aproxima com uma regeneração das pessoas negras, como uma ideia eugenista, e sim do tecido social que, diante de tanta desigualdade, fica esgarçado. Regenerar o tecido social, então, é promover a transformação social, é caminhar rumo à libertação dos corpos de maneira coletiva e não individualizada, criando um mundo no qual todos possam existir.

Segundo Loíse Santos, mulher negra e psicóloga, e colaboradoras (2022), as "pessoas negras têm seus referenciais apagados e segregados por essa e as demais

práticas higienistas e eugênicas que corroboram com a narrativa criada pela branquitude com a finalidade de reduzir a sua existência”. Portanto, regenerar-se é a possibilidade de, a partir de suas potencialidades, retomar as narrativas apagadas, visando escapar do adoecimento causado pelo racismo. O apagamento ao qual o negro está sujeito também deve ser entendido como uma questão da própria psicologia, que não sabe a forma de prestar cuidado a pessoas negras, pois no Brasil nada foi construído para prestar serviço a essa população.

O COM-POR UERJ desempenha um papel regenerador não apenas para os pacientes atendidos no grupo terapêutico, mas revitaliza a própria rede de ensino da psicologia UERJ dando voz à necessidade de direcionarmos um cuidado acolhedor e comprometido com a transformação social. E é transformador para nós, estudantes negros da Psicologia, seguindo o pensamento de Abdias Nascimento (2016), homem negro e um dos principais representantes do Movimento Negro brasileiro: “Os brancos controlam os meios de disseminar informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos [...]” (p. 54), logo, ao adentrarmos nesse espaço racializado em favor de corpos brancos, é também regenerador para nós podermos atuar em uma tecnologia social voltada para a população negra, isso é garantir uma regeneração que também nos recompõe à medida que desempenhamos a nossa prática.

É importante ressaltar que o próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP), desde a Resolução n. 018/2002, reconhece que o racismo é adoecedor e que este é um problema social; sendo assim, o CFP criou uma resolução e diversos materiais a respeito de relações raciais que estabelecem diretrizes para uma prática antirracista. Entretanto, ainda precisamos avançar. Com Damasceno e Zanello (2019) é possível compreender que apesar dos materiais já elaborados e das pesquisas já realizadas, as pessoas negras ainda têm dificuldades em serem acolhidas em psicoterapias. As autoras elencam a ausência da temática racial na formação dos estudantes de Psicologia.

De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) (Brasil, s.d), uma Tecnologia Social é um conjunto de técnicas/metodologias que são produzidas a fim de cuidar de problemas sociais, sendo uma tecnologia construída a partir da participação coletiva. Logo, o DRS COM-POR UERJ tem um caráter altamente tecnológico por ser um grupo possível de ser replicado em sua técnica de grupo e acolhimento, e que por ser realizado dentro da universidade, proporciona que o grupo e seu fazer forme profissionais social e eticamente engajados com a luta antirracista. Isso adiciona outra camada de cuidado, porque além de uma oferta de serviço para as pessoas que estarão sendo atendidas naquela edição, temos cuidado também da formação dos estudantes de Psicologia que concluem suas graduações, com um número reduzido de pessoas negras em sua formação, e com a ausência da menção desses assuntos no seu processo de aprender a psicologia como ciência e profissão.

O dispositivo é produzido a partir do treino e do preparo de uma equipe para lidar com questões específicas da população negra. Essa especificidade está marcada inicialmente pelo racismo, sendo esse o preconceito baseado no conceito de

raça, que foi criado para justificar a colonização e a opressão dos povos negros e indígenas com a justificativa de que tais povos eram biologicamente inferiores, como aponta Maria Aparecida Silva Bento (2003). Compreendemos, assim, que esse não é um problema das pessoas negras, e sim uma questão social que não pode e não deve ser encarada a partir da individualidade em um atendimento psicológico; assim, apostamos em uma tecnologia social que coletiviza o cuidado.

Dar conta de uma questão social não quer dizer que esse é o único modo de alterarmos essa estrutura tão adoecedora para a população negra, mas tem a ver com o que Trícia Rose, mulher negra, socióloga e estadunidense, aponta durante uma entrevista com Mark Dery (Dery, 1994), homem branco, autor americano e crítico cultural, que ainda que não possamos mudar uma estrutura, nós podemos produzir respostas — mesmo em esfera micro — para elas. Ao longo da história das pessoas escravizadas é possível perceber que respostas estavam sendo construídas em cada resistência, em cada revolta, em cada estratégia, em cada quilombo, em muitas mortes e em muitas vidas. Dessa forma, o COM-POR UERJ é uma resposta construída não apenas pelo Laboratório afeTAR, mas também por cada pessoa que é atendida nesse dispositivo e nos retorna dizendo que esse espaço foi muito importante para seu fortalecimento pessoal.

Este trabalho segue, a cada semestre, sendo pensado e repensado a partir das impressões da equipe de atendimento, junto a sua supervisora, assim como junto ao *feedback* de cada participante ao final de cada grupo. Sabemos que essa é uma tecnologia nova na Psicologia, e que, para isso, precisa ser muito bem cuidada e implementada. Mas, compreendemos também que essa não é uma tecnologia tão nova assim entre pessoas negras, pois remete a práticas ancestrais de povos africanos.

Ao falarmos do processo de regeneração de pessoas negras, estamos falando sobre potencializar a negritude desses corpos, e isso só é possível fazendo uso dos saberes ancestrais. As pessoas negras sempre puderam contar com sua ancestralidade; ela esteve presente antes mesmo de virmos ao mundo, porém é esquecida/renegada por vivermos em uma sociedade que rejeita e apaga todo conhecimento que vem da população negra. Abdias Nascimento (2016, p. 134) afirma que “Para manter uma completa submissão do africano, o sistema escravagista necessitava acorrentar não apenas o corpo físico do escravo, mas também seu espírito”. Assim, não apenas escravizaram os sujeitos negros, mas também colonizaram suas mentes, nos negando até mesmo a humanidade.

A ancestralidade é viva e circular, sempre permeando o tempo. Ela é a sincronia entre passado, presente e futuro; é quem já se foi, que está sendo e os que estão por vir, sendo atravessada pelos saberes transmitidos por gerações, e se faz presente na coletividade, na individualidade e na cultura. A ancestralidade constitui os nossos corpos, nossas histórias e nossos modos de viver, nos permeia em todas as áreas de nossas vidas, porém estamos tão desconectados do nosso ser que não temos a percepção de sua força.

Para que o COM-POR se apresente como uma Tecnologia Ancestral, ele precisa corporificar a ancestralidade. O conceito de Corp(O)ralidade, desenvolvido por Hebert

Santos, homem negro, une dois componentes essenciais na perspectiva afro, que são o corpo e a oralidade, sendo a Corp(O)ralidade a combinação da expressão corporal com a oralidade (um saber ancestral), refletindo a filosofia Ubuntu e a escrevivência de Conceição Evaristo (Santos *et al.*, 2023). Em sua produção científica, o autor articula essa metodologia decolonial com a oralidade na dança afro, que transmite saberes ancestrais dos orixás por meio dos movimentos do corpo. E o “O” presente em Corp(O)ralidade representa a circularidade e a coletividade, em que o conhecimento é transmitido dentro das rodas, sem início ou fim definidos, como ocorre nas rodas de samba, capoeira e dança afro (Santos *et al.*, 2023). A filosofia Ubuntu, também trabalhada nesse conceito, enfatiza a interconexão e a solidariedade entre as pessoas, e a Corp(O)ralidade promove um ambiente de acolhimento e apoio mútuo (Santos *et al.*, 2023).

A aplicação do conceito de Corp(O)ralidade no contexto do COM-POR UERJ revela sua relevância para esse dispositivo terapêutico, destacando a circularidade e a coletividade como fundamentos essenciais. No ambiente de terapia em grupo, as experiências individuais são compartilhadas em círculo, reconhecendo a interconexão entre cada participante. Essa dinâmica circular promove uma troca contínua de vivências e sentimentos, reforçando o sentido de comunidade e pertencimento. A Corp(O)ralidade, portanto, não apenas facilita a expressão individual, mas também sustenta a coesão do grupo, criando um espaço em que cada voz é valorizada e ouvida.

Sob uma afroperspectiva, o corpo emerge como um elemento importante no processo terapêutico. A atenção à disposição dos corpos e à forma como eles se expressam dentro do grupo terapêutico amplia o escopo além da psicoterapia tradicional, que frequentemente privilegia apenas o conteúdo verbal. Reconhecemos, assim, que a oralidade é um conhecimento ancestral que se estende para além do verbal, incorporando o corpo como um veículo de expressão e conexão. Essa tecnologia holística valoriza as diversas formas de comunicação e entendimento, promovendo um diálogo mais rico e inclusivo dentro do grupo terapêutico.

Portanto, a noção de corp(O)ralidade se faz valiosa para esse dispositivo clínico. Além disso, para que seja possível aplicar esse conceito no dispositivo, é importante fortalecer a compreensão das dimensões da racialidade na formação profissional dos estudantes, é importante criar espaços seguros nos quais os estudantes possam expressar suas experiências, tanto corp(O)rais quanto narrativas orais, sem medo de julgamento. Promover um espaço que reforce a solidariedade e o apoio mútuo, refletindo os princípios do Ubuntu, e incentivar a partilha de histórias e experiências é fundamental para valorizar essas narrativas na formação subjetiva e coletiva.

[...] pensamos que a Corp(O)ralidade, enquanto metodologia, transmite a vivência corporal de si próprio e dos corpos que se conectam conosco. Somos um construto subjetivo dentro de um entendimento coletivo do corpo. Nosso espelho não é só o de Oxum, é também o espelho de Iemanjá, e assim não vemos apenas por uma perspectiva individualizante, mas nos vemos através de outras possibilidades de espelhos que refletem nosso rosto, dos que vivem em nós e os rostos que nos antecedem, os de nossa ancestralidade. Essa construção subjetiva de sujeito, que é coletiva, também é marcada pelo agenciamento do racismo enquanto marcador que tenta ao máximo reduzir e destruir nossa subjetividade negra (Santos *et al.*, 2023, p. 13).

Frantz Fanon (2022), homem negro e um dos maiores intelectuais do século XX, diz que “a ‘coisa’ colonizada torna-se homem no próprio processo através do qual se liberta” (p. 33). Fanon apresenta que o sujeito negro só consegue aperceber a sua própria humanidade à medida que se liberta das amarras coloniais. A corp(O) ralidade se apresenta como um dos caminhos pelos quais essa libertação se faz possível, aliada ao COM-POR UERJ ela evoca a nossa potência ancestral, promove espaços seguros nos quais estudantes e participantes podem expressar suas experiências, fortalecendo assim a reconexão com suas identidades e histórias. Trabalhamos corpo e mente trilhando um caminho que torna possível o sentir e dá lugar à humanidade que sempre nos foi negada. Despertando assim os corpos anestesiados pelo racismo, criando o elo necessário para a reconexão com nossa ancestralidade.

A rede que conecta o COM-POR UERJ com o mundo é a ancestralidade, e a partir disso podemos vislumbrá-lo não apenas como uma tecnologia social, mas também como uma tecnologia ancestral. Pois esse dispositivo terapêutico nos possibilita o resgate da coletividade, humaniza nossos corpos e oferece o cuidado necessário para que cada indivíduo opere, coletivamente, no seu processo de adoecimento produzido para servir a branquitude. Lançando mão dos escritos de Leda Martins (2021, p. 60), mulher negra, ela afirma que:

A expansão consequente do conceito de família e dos vínculos de parentesco e de pertencimento nas Américas, no âmbito da coletividade afro, quer no passado, quer no presente, como uma forma de restituição e de reconfiguração do princípio da ancestralidade, agora apreendido e vivido, durante e após a escravidão, pelo engendramento de novos vínculos, dos quais deriva a constituição de uma linhagem familiar mais ampla, afetiva e simbolicamente, que passa a congregar o africano e seus descendentes em comunidades de pertencimento e de ajuda mútua, performada no âmbito das Casas, dos terreiros de Candomblé e nos festejos dos Reinados, por exemplo, e nos inúmeros outros modos de recomposição da herança e da memória africanas transcriadas nos territórios americanos.

O mundo ocidental tem muito o que aprender com a ancestralidade dos povos africanos e indígenas. Atualmente, a Psicologia tem buscado se posicionar como uma ciência antirracista. Essa temática tem sido frequentemente comentada em eventos da área e pelos Conselhos que regulamentam a profissão. Contudo, é tempo de pensarmos se de fato é possível fazer uma ciência antirracista, já que ela foi construída e está estruturada em saberes hegemônicos, e, consequentemente, coloniais. Dessa forma, a ancestralidade tem a sua importância e impacto nesse campo à medida que pode transfazer a psicologia de um saber que mantém o *status quo* e sustenta as desigualdades, em um saber que torna o mundo plural e comum a todos. Se o futuro é ancestral, como afirma Ailton Krenak (2022), as ciências que querem existir de forma inovadora, potente e atuando a serviço da população, precisam reconhecer e lançar mão dos saberes produzidos pelos nossos ancestrais. Assim, para que a Psicologia consiga operar integralmente de forma antirracista, ela deve aprender a caminhar pelas rotas ancestrais.

Sendo assim, o COM-POR UERJ Pessoas Negras se apresenta como um dos modos de recomposição, ou regeneração, da herança africana. Essa Tecnologia

Ancestral e Social possibilita, então, a criação de recursos para o enfrentamento de questões sociais que nos afetam até o tempo presente. Nesse sentido, entendemos que ambas as noções de tecnologia se encontram em uma encruzilhada, que representa um lugar de encontro e cruzamento de saberes.

A Tecnologia Social se cruza com a Tecnologia Ancestral para combater a perspectiva hegemônica que impera nas ciências humanas e, mais especificamente, na Psicologia. Nessa encruzilhada de conhecimentos não há possibilidade para se estabelecer um modo único de existir, modo esse que majoritariamente só contempla pessoas brancas; logo, para que a encruzilhada exista, ela exige pluralidade e saberes que venham de diferentes direções. E é nessa diversidade que podemos atuar de modo inclusivo garantindo que corpos negros não sejam multilados para caberem na perspectiva ocidental embranquecida.

CONSIDERAÇÕES

Muitos avanços se deram pela luta dos movimentos negros em diversas áreas do conhecimento. Assim, fica cada vez mais evidente a nossa necessidade, sempre presente, de existir. Nós lutamos para não morrer. É sobre viver e não apenas sobreviver. A Psicologia ainda não se engajou suficientemente nos estudos da temática racial, podemos concluir isso a partir da ausência de um cuidado especializado para a população negra e pela falta de pensadores negros estudados em sala de aula. Atualmente, essa ciência só obtém a capacidade de formular respostas para essa questão, ainda que sejam poucas as respostas, porque nós, estudantes negros, estamos presentes e não queremos ficar calados. Como diz a psicóloga e Dra. Maria Aparecida Silva Bento, “É urgente fazer falar o silêncio” (2022, p. 24).

A existência do COM-POR UERJ parte do encontro de diversos estudantes negros que tinham o anseio de cuidar dos seus. O aquilombamento na universidade é uma estratégia poderosa de proteção, fortalecimento identitário e de criação de estratégias, representando a articulação do cuidado e da ancestralidade. Como uma expressão da economia criativa, percebemos como a criatividade e o capital intelectual da comunidade negra podem ser transformados em poderosas ferramentas de resistência e regeneração social. Nesse modo econômico, desenvolvemos e produzimos conhecimentos que contemplem de fato a diversidade racial e elaboramos metodologias que servem de capital intelectual. Estarmos juntos é desconstruir a prática colonial que idealizava a nossa separação, visando nos desarticular. Estarmos juntos nos potencializa coletivamente. Assim, com a compreensão do significado de aquilombar, também compreendemos a importância de, como nos inspira Leda Maria Martins (2021), espiralar o conhecimento. Compreendemos que nossa tecnologia se trata de um conhecimento reaprendido. Reconhecer que a oralidade, por exemplo, é um saber ancestral que ganha suas novas camadas tecnológicas com o circular do tempo.

Quando nos unimos, criamos métodos de romper com os muitos processos que nos desarticulam e nos separam subjetivamente. A nossa união representa um fortalecimento de uma existência há muito tempo negada e mantida distante por diversos mecanismos agenciados pelo racismo. Aquilombar significa que criamos

métodos de romper com esses processos e que resistimos por meio da união, criando e desenvolvendo tecnologias que façam sentido à diversidade racial. Nesse contexto, a articulação entre as tecnologias sociais e a economia criativa no COM-POR mostra como é possível criar soluções inovadoras que não apenas respondem às necessidades imediatas da comunidade, mas que também promovem um desenvolvimento sustentável e culturalmente enraizado.

Nesse contexto acadêmico, estamos não apenas produzindo conhecimento sobre nós mesmos, mas também buscando formas de cuidado mútuo, promovendo uma universidade mais inclusiva e plural. No que tange a replicabilidade da metodologia, esta surge como um próximo passo, visto que se trata de uma inovação em tecnologia social que está no seu *status* de prototipagem. Nessa perspectiva, o avanço permitirá a validação de novas camadas e novas descobertas, fortalecendo a robustez da metodologia. A inovação, por sua natureza transformadora, traz algo novo e original, o que a torna difícil de comparar diretamente com soluções já existentes. Ao introduzir novas abordagens, métodos ou produtos, a inovação redefine padrões e estabelece novas referências, tornando as comparações inadequadas.

O grupo de atendimento COM-POR UERJ investe na coletividade, pois foi ela que potencializou a nossa trajetória na universidade. A ancestralidade pulsa pelas veias do dispositivo e dá vida a sua Corp(O)ralidade. Nos encontros do grupo terapêutico, construímos um atendimento que possibilita que pessoas negras se regenerem das lesões coloniais. Portanto, o COM-POR só pode desempenhar seu papel de Tecnologia Social porque ele é uma Tecnologia Ancestral também, e ele só existe porque os nossos resistiram. Nós, estudantes e pesquisadores negros, somos os produtores da resposta do que os nossos precisam, porque, como nos inspira Emicida, homem negro, rapper brasileiro, “tudo que nós tem é nós”.

Por fim, gostaríamos de agradecer ao Laboratório afeTAR, que tornou possível a existência do COM-POR; aos participantes usuários, que coletivamente construíram o espaço terapêutico conosco; e agradecer também a cada estudante da graduação e da pós-graduação que desenvolveram esse dispositivo e aos que mantêm ele na roda até hoje. Vale ressaltar que esse DRS foi aprovado pelo Comitê de Ética (Número do CAAE 38878320.4.0000.5282).

REFERÊNCIAS

AILTON, Krenak. **Futuro ancestral**. Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-23.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Tecnologia Social**. s.d. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica_nacional/_social/Tecnologia_Social.html. Acesso em: 18 jul. 2024.

CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. p. 13-23.

- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 2019.
- DERY, Mark. "Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose". Flame wars. The discourse of cyberculture. Durham and London: Duke University Press, 1994.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz/Companhia das Letras, 2022.
- FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo da. **O Ubuntu na formação em Psicologia**. 2024. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo da. **Tornar-se psicóloga: uma experiência de afetação**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Panorama da Economia Criativa no Brasil**. Texto para Discussão. Rio de Janeiro: Ipea, 2013. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1880.pdf. Acesso em: 14 out. 2019.
- MACHADO, Luiz Alberto. Economia criativa: definições, impactos e desafios. **Revista Economia & Relações Internacionais**, v. 11, 2012.
- MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. *In*: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virginia. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- SANTOS, Hebert Silva dos; SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento; QUADROS, Laura Cristina de Toledo; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. Corp(O)ralidade como metodologia: composições possíveis entre escrevivência e filosofia Ubuntu. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, e277081, 2023.
- SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento. **Grupo de atendimento COM-POR pessoas negras: o afrofuturismo em ação**. 2022. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento; MIRANDA, Daniele; FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. Racializando a fronteira, com-pondo uma pele coletiva. *In*: ALVIM, Mônica; BARROS, Paulo; ALENCAR, Silvia; BRITO, Vanessa (orgs.). **Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.
- SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento; SANTOS, Hebert Silva dos; FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo da; GUIMARÃES, Letícia da Silva Lapa; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. COM-POR-UERJ: vôo de Sankofa e as Ações Afirmativas. *In*: SILVA, Cátia Antonia da; PÁDUA, Vania Lucia de; DANTAS, Luís Thiago Freire; BARATA, Denise (org.). **Memórias das ações afirmativas e das políticas de assistências estudantis**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024. p. 182-205.
- SANTOS, Neusa de Souza. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo. **PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em Psicologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022.
- TSALLIS, Alexandra Cleopatre; ALMEIDA, Beatriz Prata; MELO, Rafaelle Cristine Diogo; BREDARIOL, Tereza de Magalhães. Do anonimato à política de nomes: pesquisas de campo com teoria ator-rede. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 10, n. 1, p. 184-204, 2020.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; MORAES, Marcia Oliveira; ARENDT, Ronald Jacques. O que nós psicólogos podemos aprender com a Teoria Ator-Rede?. **Interações**, v. XII, n. 22, p. 57-86, 2006.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre; MORAES, Marcia Oliveira; BALBINO, Beatriz; AIRES, Jackeline; BRAVO, Juliana; VIANNA, Keyth *et al.* Sobre afecTAR: del campo a la escritura como laboratorio. **SciComm Report**, v. 2, n. 1, p. 12-13, 2022.

Sobre os autores

Loíse Lorena do Nascimento Santos: Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Hebert Silva dos Santos: Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Letícia Lapa: Estudante de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Andriellen Vitória Borges Martins: Estudante de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Alexandra Cleopatre Tsallis: Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em associação com a Ecole des Mines/Paris.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** CAPES, FAPERJ, CNPq/UERJ.

HebertSilvadosSantos: Bolsa CAPES de Doutorado - Número do processo - 88887.667875/2022-00.

Letícia Lapa: Bolsa CNPq/UERJ de Iniciação Científica - Número do processo - 167928/2024-4.

Loíse Lorena do Nascimento Santos: Bolsa FAPERJ de Doutorado Nota 10 – 2024.1. Número do Processo - E-26/202.411/2024.

Contribuições dos autores: Santos, L. L. N.: Conceituação, Investigação, Administração do Projeto, Escrita – Primeira Redação. Santos, H. S.: Conceituação, Investigação, Escrita – Primeira Redação. Lapa, L.: Conceituação, Investigação, Escrita – Primeira Redação. Martins, A. V. B.: Conceituação, Investigação, Escrita – Primeira Redação. Tsallis, A. C.: Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Obtenção de Financiamento, Administração do Projeto, Recursos, Supervisão, Escrita – Revisão e Edição.

